



A GAZETA JUVENIL E A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO NA HISTÓRIA DO BRASIL (1948-1950)

Gizeli Fermino Coelho¹

Mônica Aparecida Matos²

Alaíde Pereira Japecanga Aredes³

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar o modo como o Suplemento A Gazeta Juvenil, publicada em formato de tabloide no jornal A Gazeta (SP) propagava ideias literárias vinculadas à cultura indígena durante a sua terceira e última fase de circulação (1948-1950), tendo em vista o avivamento do sentimento de pátria e nacionalidade, em um momento singular, que trata do Pós-Guerra, em que a produção intelectual foi profundamente marcada pelo debate de ideias políticas, pelo anticomunismo, pela elaboração de projetos de desenvolvimento e pela ideologia do nacional-desenvolvimentismo, a qual marcou uma reorganização política e econômica da conjuntura brasileira. Trata-se de uma pesquisa histórica e bibliográfica, de cunho analítico e descritivo que tem como fonte de pesquisa as 89 últimas edições do Suplemento A Gazeta Juvenil, publicadas entre os anos de 1948 e 1950. A Gazeta Juvenil apresentava os povos indígenas por meio de textos literários e histórias em quadrinhos, especialmente, nas colunas intituladas: “Lendas de Nossa Terra”; “Índios do Brasil”; “História do Brasil e “O que Convém Saber”, por meio das quais dava ênfase a diversidade de povos que compunha a nação brasileira (italianos, japoneses, portugueses, negros, indígenas etc.). Entretanto, à medida que representava as culturas europeias como contribuintes do progresso econômico, político e intelectual da nação brasileira, os povos indígenas eram representados por sua cultura exótica, modo de vida nômade e simples e por suas danças típicas. Isto é, os povos indígenas eram representados pelo Suplemento de forma estereotipada, isolada, desconexa e desarticulada de uma discussão mais ampla do contexto histórico, político e cultural da época, sem levar em conta sua rica contribuição para a formação da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Educação, Imprensa; Povos indígenas; História da Educação.

INTRODUÇÃO

A Gazeta Juvenil foi um suplemento jornalístico criado pelo jornal A Gazeta, um vespertino paulista lançado em 1906 por Adolfo Campos de Araújo, o qual circulou diariamente

¹ Doutora em educação pela Universidade Estadual de Maringá- UEM, gizelifermino@gmail.com;

² Mestra em Linguística Aplicada/Estudos da Linguagem – LAEL/PUC-SP, monicamatos@uems.br.

³ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Estadual Paulista- UNESP - Campus Marília, japecanga@uems.br.



até 1979, quando deixou de ser autônomo e agrupou-se ao jornal A Gazeta Esportiva. Lançado em 12 de setembro de 1929, o suplemento A Gazeta Juvenil, circulou em formato de tabloide todas às quintas-feiras até 1950. Durante este período, passou por três fases de reformulação de seus conteúdos e de público alvo ao qual almejava atingir. Para isso, interrompeu suas atividades por curtos intervalos de tempo entre uma fase e outra. A primeira se iniciou em cinco de setembro de 1929 e durou até dois de outubro de 1930, neste período, o suplemento possuía oito páginas e era voltado para os cuidados, com a saúde, alimentação e higiene do público infantil (fase higienista).

A segunda fase, foi de quatorze de setembro de 1933 a dezoito de março de 1940. Neste momento, o periódico passou a ser publicado com o nome de A Gazetinha e tinha como objetivo atender ao público jovem, para tanto, possuía quarenta páginas e abordava mais conteúdo de caráter educativo com questões morais, cívicas e éticas, e, menos conteúdos de cuidados com o corpo, higiene e saúde das crianças.

A terceira e última fase de circulação se iniciou em dez de fevereiro de 1948, “[...] depois de quase oito anos de interrupção motivadas pelas dificuldades criadas pela última guerra, entre as quais avultou a falta de papel. Reaparecendo, traz aquele mesmo espírito que sempre a caracterizou no passado: instruir divertindo ” (MONTEIRO, 18/3/1948a, p. 8, A GAZETA JUVENIL). Em vinte de outubro de 1950 encerrou permanentemente suas atividades. Nesta terceira fase, o impresso retomou suas publicações com o nome de A Gazeta Juvenil e, assim como a fase anterior, tinha como objetivo atender ao público jovem, porém, seu conteúdo demonstrava uma preocupação mais científica e pedagógica, com o objetivo de reforçar o conteúdo escolar de jovens que estudavam e trabalhavam. Para tanto, tinha como lema:

[...] apresentar as nossas riquezas culturais, pois precisamos olhar também para o Brasil e para as nossas coisas, despertar nos jovens a atenção para assuntos úteis que contribuam para a sua formação intelectual e avivamento do sentimento de pátria e nacionalidade um tanto esquecidos nestes nossos dias de vida intensamente internacional (MONTEIRO, 18/03/1948, p. 08, A GAZETA JUVENIL).

Com o intuito de promover a riqueza da cultura brasileira, o suplemento trouxe como novidade em sua terceira e última fase de circulação testes educacionais, textos pedagógicos e colunas educativas em páginas específicas, intituladas: “ Lendas de Nossa Terra”; “Índios do Brasil”; “História do Brasil”; “ O Que se vê pelo Mundo” e “ O que Convém Saber”, por meio das quais dava ênfase a diversidade de povos que compunha a nação brasileira (italianos, japoneses, portugueses, negros, indígenas e etc). Afirmou que “[...] ao lado das historietas em



quadrinhos que tanto atraem os jovens de hoje, e com razão, precisamos também dedicar atenção e espaço a outros assuntos que em verdade serão mais úteis para a formação intelectual do que as historietas” (MONTEIRO, 18/03/1948, p. 08), que, aliás, passariam a circular doravante com qualidade superior aquelas veiculadas nos números anteriores.

Além dessas mudanças, optamos por analisar a terceira e última fase de circulação do suplemento A Gazeta Juvenil, porque trata-se de um período de efervescência social, em que a produção intelectual foi profundamente marcada pelo debate de ideias políticas, pelo anticomunismo, pela elaboração de projetos de desenvolvimento e pela ideologia do nacional-desenvolvimentismo, a qual marcou uma reorganização política e econômica da conjuntura brasileira.

Para A Gazeta Juvenil (11/02/1950, p. 16), “[...] a nação brasileira é riquíssima, por suas mais variadas culturas e camadas sociais de povos que se misturam numa harmoniosa busca por uma identidade nacional, já que o nacionalismo é o nosso principal objetivo, o qual só pode ser construído coletivamente”. Dentre a coletividade de povos que compõe a cultura brasileira e que são descritos pelo periódico, o presente artigo tem como objetivo analisar o modo como o suplemento A Gazeta Juvenil, propagava ideias literárias vinculadas à cultura indígena, durante a sua terceira e última fase de circulação, tendo em vista, o avivamento do sentimento de pátria e nacionalidade, em um momento singular, que trata do Pós-Guerra (1939-1945) no qual as atenções estavam voltadas para a vida internacional.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho histórico, analítico, descritivo e, portanto, qualitativo que tem como fonte de pesquisa as 89 últimas edições do suplemento a Gazeta Juvenil, publicadas entre os anos de 1948 e 1950.

Para análise do *corpus* documental, os artigos foram selecionados por etapas: inicialmente, separamos as 89 edições do suplemento que correspondem às publicações de sua terceira e última fase de circulação e, por conseguinte, ao limite temporal da pesquisa; posteriormente, selecionamos todas as matérias publicadas sobre os povos indígenas, um total de 37. Por fim, separamos os artigos publicados por temas, como nomes dos povos, regiões às quais habitavam, costumes, habilidades, armas e utensílios que utilizavam para caçar e pescar, bem como a descrição do temperamento desses povos para com seus inimigos, os quais nos permitiram conduzir uma análise qualitativa.

Segundo Fraser e Gondim (2004, p. 8-9), a pesquisa qualitativa “garante a representatividade dos significados ao permitir uma reflexão clara dos fatos e uma descrição minuciosa dos aspectos políticos, econômicos e sociais inseridos nos discursos” não só, mas,

também, tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno.

A pesquisa qualitativa facilita a compreensão de múltiplos aspectos da realidade, viabilizando a avaliação e assimilação da dinâmica interna de processos sociais. Thompson (1995) afirma que os indivíduos estão inseridos no tempo, os sujeitos fazem parte da história, vivem e perpetuam nela, não são meros expectadores, por isso o processo de interpretação analítico não poderá ser realizado de forma isolada, mas sim, de forma contextualizada.

A experiência humana é sempre histórica, no sentido de que uma nova experiência é sempre assimilada aos resíduos do que passou, e no sentido que, ao procurar compreender o que é novo, nós sempre e necessariamente construímos sobre o que está presente. (THOMPSON, 1996, p. 360).

Portanto, é de extrema relevância um levantamento histórico, não somente no que cerne a trajetória da população indígena desde o momento da chegada do colonizador, mas, também das relações raciais no Brasil. “Uma análise sócia histórica tem por objetivo reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 1995, p. 366).

Além disso, a pesquisa bibliográfica, conforme Gil (2007), é embasada nas investigações ideológicas que propõem à análise das posições diversificadas da sociedade acerca de um problema, pois na perspectiva de Minayo (2009; p.21). “[...] o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o período colonial, o Estado manifesta preocupação em integrar as populações indígenas à sociedade brasileira, com a intenção de explorar os recursos minerais e naturais que encontram-se preservadas em suas terras. No entanto, a resistência desses povos gerava conflitos constantes e ao noticiá-los a imprensa veiculava a ideia de que o progresso era incompatível com a presença dos povos indígenas, por isso seria preciso dar-lhes condições para que, o mais rápido possível, pudessem se integrar à nação brasileira (GOMES, 1991).

A Gazeta Juvenil, por se postular como um jornal “[...] feito para a juventude com leitura interessante, educativa, leve, agradável e verossímil, no qual o seu espírito encontrará elevação de princípios [...]” (A GAZETA JUVENIL, 18/3/1948a, p. 5), abordava a temática em forma

de curiosidades, histórias de aventuras, crônicas, contos de amor, novelas, reportagens, ilustrações, folclore, músicas e poesias sobre os povos indígenas, descrevendo de maneira estereotipada suas culturas, seu modo de vida e evidenciado seu grau de “selvageria”.

Em algumas publicações A Gazeta Juvenil descreveu de maneira genérica os povos indígenas, sem identificação étnica, suas línguas, os diferentes espaços aos quais pertenciam, as formas sociais de organização e cultura. Das 89 edições analisadas, para a constituição deste texto, o periódico identificou os povos aos quais se referia ao descreve-los em apenas 9 delas, conforme é possível verificar no quadro I.

QUADRO I – IDENTIFICAÇÃO DOS POVOS INDIGENAS

Edição	Povos	Região	Habilidades	Costumes Interessantes	Armas	Receptividade com o homem branco
1ª - 18/3/48	Jauapery	Rio Juarapery/Interior do estado do Amazonas	“Exímios nadadores e remadores”	Sepultavam os seus mortos no interior dos ocos das árvores	Arco e flecha com ponta de ossos	“Amáveis com os estranhos”
2ª - 25/3/48	Mudurucús	Curso superior do rio Tapajós.	Hábeis no ornamento de penas	Mumificar a cabeça do inimigo morto	Arco e flecha; faca de taquara	“Ferozes ao extremo”
3ª - 1/4/48	Tupinambás	Costa do Rio Parnaíba estado do Pará	Surpreender o adversário	Torturava os inimigos	Instrumentos de pedra polida	“Ferozes e cruéis, canibais”
4ª - 8/4/48	Tembés	Habitavam os afluentes dos rios Capim e Gurupí	X	Praticava poligamia, enterrava os seus mortos	Arco e flecha com ponta de osso	“Índole pacífica”
5ª - 15/4/48	Maués	Rios Tapajós e Madeira	Especialistas em preparo do guaraná	Cultivadores de guaraná	X	Pacíficos
6ª - 22/4/48	Tamoios	Habitavam o litoral/ Angra dos Reis		Amigo dos franceses combatente dos portugueses/ As mães enterravam os filhos bastardos vivos	Arpão; arco e flecha	Alegres e Amigáveis
7ª - 29/4/48	Boróros	Mato Grosso	São trabalhadores	Os habitantes	Arcos, flechas,	Amigáveis

			organizados Cultivam milho/caçam e pescam com perfeição	não podem se casar com os vizinhos da mesma aldeia, somente de outra aldeia	lanças e redes de sua própria fabricação	
8 ^a – 6/5/48	Caduveos	Mato Grosso	Criam animais	Limam os dentes incisivos	X	Amigáveis
13 ^a – 10/6/48	Apaiés	Mato Grosso	Hábeis caçadores e pescadores	X	Lanças, arco e flechas	X

Fonte: A Gazeta Juvenil (1948).

Ao fazer a identificação étnica dos povos Jauapery, Mudurucús, Tupinambás, Tembés, Maués, Tamoios, Boróros, Caduveos e Apaíes, o periódico trouxe outras informações sobre esses povos, tais como a região as quais pertenciam, algumas de suas habilidades, armas e utensílios que utilizavam para caçar e pescar, os costumes que julgou mais interessantes e o temperamento desses povos para com seus inimigos (A GAZETA JUVENIL, 18/3/1948a, p. 5).

Das características que descreveu sobre as culturas indígenas, enfatizava, especialmente, os aspectos negativos que aludiam à “selvageria” desses povos. Os Tupinambás, por exemplo, foram descritos como “[...] ferozes, cruéis de coração duríssimo, malcheirosos, de aspecto desagradável, desprovido de culto religioso, que cultivavam apenas uma pequena crença em feitiçarias e adivinhações” (A GAZETA JUVENIL, 1/4/1948c, p. 5).

Para o Suplemento, os Tupinambás, de cultura, possuíam apenas uma agricultura muito atrasada, que utilizava para o cultivo alguns instrumentos grosseiros feitos de pedra polida. “As mulheres são consideradas verdadeiros animais. Não merecem nenhum respeito, nenhuma consideração por parte de seus irmãos e maridos. Vivem apenas para o trabalho pesado, para o transporte de cargas em época de viagem e migração” (A GAZETA JUVENIL, 1/4/1948c, p. 5).

De maneira semelhante os Mundurucús foram descritos como “[...] ferozes ao extremo, de uma crueldade única para com os inimigos vencidos, estes selvagens em matéria de cultura quase que se igualam aos animais do sertão” (A GAZETA JUVENIL, 25/3/1948b, p. 5).

Conforme é possível observar no quadro I, inclusive, os costumes que julgava interessante na cultura indígena, o periódico enfatiza atos de violência cometidos por esses povos, como a tradição de decapitar e mumificar a cabeça do inimigo morto, praticado pelos

Mundurucús, as mães Tamoias que, na condição de viúvas, ao se casassem em seguida e tivessem filhos, os quais os atuais companheiros duvidassem da paternidade, elas os enterravam vivos logo após o nascimento.

A cultura indígena não é abordada de maneira narrativa, contando a história desses povos, sua participação política, econômica e social nas divisões de terras (GOMES, 1991). Poucas vezes, o periódico apresentou aspectos dos costumes indígenas de forma positiva, como o fez, por exemplo, quando descreveu os Apaiés, “[...] como peritos em construir as melhores embarcações para navegação em rios” (A GAZETA JUVENIL, 10/6/1948i, p. 30), construindo, assim, uma representação positiva do domínio das técnicas de construção de canoas e barcos por esses povos.

Para Nóvoa (1997), a representação do mundo social é determinada pela relação de interesse do grupo que a produz, portanto, a forma que o suplemento representou a cultura indígena produz valores e estabelecem diferenças, bem como relações de poder. Os indígenas figuram como dominados, inferiores e subordinados a cultura dos brancos.

O periódico tratava de propagar a imagem dos indígenas como entraves ao progresso da civilização brasileira. Ao lado do incentivo às atividades agrícolas, da importância do trabalho e a prosperidade, o periódico descrevia o modo de vida simples, a diversidade de povos, bem como as regiões que pertenciam, seus costumes, dando ênfase, especialmente, aos rituais de guerra, a violência praticada por esses povos ao defender suas terras e a forma com que tratavam seus inimigos vencidos.

Embora defensor da política civilizatória para os povos indígenas, o suplemento demonstrou em alguns momentos repulsa à violência cometida pelo homem branco contra esses povos, reprovando a indiferença do Estado diante das mesmas, ao registrar que “[...] os sucessivos governos do Estado nunca tiveram visão suficiente para tratar os índios de modo pacífico, preferindo enveredar para o caminho da violência e da chacina. Tanto que de uma feita 283 Jauperys foram massacrados, sem uma justificativa à altura de tão extrema medida”. (A GAZETA JUVENIL, 18/3/1948a, p. 5).

Ao postular-se como “[...] um jornal feito para a juventude, porque tem tudo o que você, leitor, aprecia: leitura agradável e verossímil, onde o seu espírito encontrará elevação de princípios, por isso não o deixe de adquiri-lo todas as quintas feiras (A GAZETA JUVENIL, 18/3/1948a, p. 6). O impresso deixava claro a intencionalidade de formar mentalidade sobre os valores que defendia para a nação brasileira.

Veiculava ideias sobre a valorização do trabalho como instrumento de nacionalidade, para ele, só era considerado cidadão brasileiro quem desenvolvia uma atividade produtiva,

quem compreendia o trabalho como um dever. Para atingir este objetivo, promoveu uma intensa campanha educativa com o intuito de atingir vários segmentos da sociedade e, especialmente, os indígenas que não ficaram de fora desta política disciplinadora, pois, “na tarefa de tornar a nação brasileira única em sua coletividade rumo ao progresso, os postos indígenas desempenharam papel central, por isso é urgente sua incorporação à nova identidade nacional” (A GAZETA JUVENIL, 12/11/1949, p. 16). Assim, pautado pelo ideário desenvolvimentista a imprensa passou a incentivar temas sobre o trabalho e suas compensações de progresso.

É importante ressaltar que a imprensa não é neutra nem imparcial, ela expressa intencionalidades e interesses pessoais, de classes, de grupos e de instituições. Suas ações estão ligadas diretamente a concepções políticas e ideológicas que representam objetivos e ideias específicas de quem a produz (NÓVOA, 1997). Em suas páginas é possível vislumbrar com riqueza de detalhes debates de questões essenciais que atravessaram o âmbito educacional numa determinada época, bem como os anseios, os debates, as decepções e as utopias dos agentes envolvidos.

A imprensa é utilizada de diferentes maneiras, para fazer um grupo reforçar uma imagem ou um ideário para outros grupos dentro da sociedade, é uma forma de demonstrar poder e assegurar a manutenção e propagação de ideais. As representações construídas pelo social, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam (MARTINS; LUCA, 2011). Daí a necessidade de discursos carregados de práticas e estratégias que tendem a impor autoridade à custa de outros indivíduos para legitimar, reformular ou justificar sua concepção de homem, de mundo, de valores e de sociedade. A manipulação que ocorre na e pela imprensa, demanda de controle direto do poder, quer pelo Estado, quer pelos donos de jornais, grupos, classes e instituições sociais. Desse modo, ao representar os povos indígenas de maneira estereotipada e reducionista, enfatizado sua falta de “civilidade”, o periódico, legitimou um ideário preestabelecidos, baseados em crenças e opiniões sem aprofundar-se devidamente a cultura, os costumes e a realidade sobre a qual se propôs promover e apresentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, neste artigo, compreender o modo como o suplemento A Gazeta Juvenil propagava ideias literárias vinculadas à cultura indígena durante a sua terceira e última fase de



circulação, em um contexto marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no qual procurava-se despertar no povo brasileiro o sentimento de pátria e de nacionalidade.

Para isso, o periódico criou colunas específicas com o intuito apresentar e promover a riqueza que compõe a diversidade da cultura brasileira. Entretanto, à medida que representava as culturas europeias como contribuintes do progresso econômico, político, artístico e intelectual da nação, os povos indígenas eram representados por sua cultura exótica, modo de vida nômade e simples e por suas danças típicas.

Ao descrever os povos indígenas utilizava-se de termos como: selvagens, canibais, preguiçosos, ingênuos entre outros, que eram repetidos com frequência. Veiculava um imaginário desses povos ligado a nudez constante, à ausência de conhecimentos, à falta de cultura, de crença, de ética e moral, um povo que precisava ser “civilizado” para contribuir com a nação. Um processo civilizatório que significava, antes de tudo, despertar o interesse pelo trabalho, pela educação e pela fé. Isto é, os povos indígenas eram representados pelo suplemento de forma estereotipada, isolada, desconexa e desarticulada de uma discussão mais ampla do contexto histórico, político e cultural da época, sem levar em conta sua rica contribuição para a formação da sociedade brasileira.

Ainda que sob os auspícios de um discurso que intencionava promover a riqueza diversa que compõe a nação brasileira, o suplemento contribuiu para propagar uma imagem negativa e estereotipada dos povos indígenas. Isto porque, enfatizava, principalmente os costumes que para os brancos aludia a “selvageria” desses povos como suas táticas de guerra. Portanto, na condição de formador opinião, A Gazeta Juvenil contribuiu para criar e reforçar em seu público leitor um ideário negativo e reducionista dos povos indígenas, contribuindo, assim, para a manutenção de uma sociedade em que determinados grupos demonstram poder, domínio e privilégios ao assegurar e manter a propagação de ideais estereotipadas sobre grupos historicamente marginalizados.

REFERÊNCIAS

A GAZETA JUVENIL, Jauapery. **A Gazeta**. São Paulo. 18/3/ 1948a, p. 5. (Índios do Brasil).

A GAZETA JUVENIL, Mudurucús. **A Gazeta**. São Paulo. 25/3/ 1948b, p. 5. (Lendas de Nossa Terra).

A GAZETA JUVENIL, Tupinambás. **A Gazeta**. São Paulo. 1/4/ 1948c, p. 5. (Índios do Brasil).



A GAZETA JUVENIL, Tembés. **A Gazeta**. São Paulo. 8/4/ 1948d, p. 5. (O que Convém Saber).

A GAZETA JUVENIL, Maués. **A Gazeta**. São Paulo. 15/4/ 1948e, p. 5. (O que se vê Pelo Mundo).

A GAZETA JUVENIL, Tamoios. **A Gazeta**. São Paulo. 22/4/ 1948f, p. 5. (Índios do Brasil).

A GAZETA JUVENIL, Boróros. **A Gazeta**. São Paulo. 25/4/ 1948g, p. 3. (História do Brasil).

A GAZETA JUVENIL. Caduveos. **A Gazeta**. São Paulo. 6/5/ 1948h, p. 14. (Índios do Brasil).

A GAZETA JUVENIL, Apaíé. **A Gazeta**. São Paulo. 10/6/ 1948i, p. 30. (Lendas da Nossa Terra).

A GAZETA JUVENIL, O progresso depende da coletividade de nosso povo. **A Gazeta**. São Paulo, 12/11/1949, p. 16.

A Gazeta Juvenil. As riquezas culturais que compõe a nação brasileira. **A Gazeta**. São Paulo. (11/2/1950, p. 16, (História do Brasil).

ALMEIDA, M. R. Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

BAPTISTA, C. R. *et al.* Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 30 nov, 2022.

FRASER, M.T.D.; GONDIM, S.M.G. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paidéia, v.14, n.28, p.139-152, mai./ago. 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, M.P. **Os índios e o Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1991

GUIMARÃES, M. L. S. **Nação e civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n.1, p.5-27, 1988.



HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v.22, n. 2, p.15-46, jul./dez.1997.

_____. Quem precisa da identidade. In SILVA, T.T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Org. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HILL, J. (Org.) **History, Power and Identity: ethnogenesis in the Americas, 1942- 1992.** Iowa City: University of Iowa Press, 1996.

KODAMA, K. **Os índios no Império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; São Paulo: Edusp, 2009.

MACHADO, M. C. G. Estado e educação “em preto e branco”: a atuação de Rui Barbosa no Diário de Notícias (1889). In: SCHELBAUER, Anaete Regina; ARAÚJO, José Carlos Souza (Orgs.). **História da educação pela imprensa.** Campinas: Alínea, 2007. p. 31-52.

MARTINS, A. L. LUCA, T. R. Imprensa em tempos de Império. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **História da imprensa no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 45-80.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MONTEIRO, J. M. **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de História Indígena e do indigenismo.** Tese (Livre Docência em História) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 2001.

MONTEIRO, J., Breves palavras aos nossos leitores. **A Gazeta Juvenil.** A Gazeta. São Paulo, 18/3/1948a, p. 8.

NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do império português. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.) **Educação em Revista.** A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 11-31.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995, 427 p.

SILVA, T. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, T.T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, T.T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 2000.